

RAFAEL FONTANA

CHINÓBYL

**UMA JORNADA PELAS ENTRANHAS DA
DITADURA COMUNISTA**



RAFAEL FONTANA

Chinobyl

*Uma jornada pelas entranhas
da ditadura comunista*



*A China é um país que não existe.
Morei lá para conferir.*

*O povo chinês e sua cultura milenar merecem a nossa admiração.
O mesmo não se pode dizer do Partido Comunista Chinês.*

INTRODUÇÃO

Logo no primeiro mês vivendo na China como professor universitário, consegui um trabalho extra para um fim de semana. Qual não foi minha angústia ao descobrir, já no local do trabalho, que meus contratantes chineses haviam alterado meu currículo, transformando um jornalista brasileiro em um neurocirurgião com mestrado nos Estados Unidos.

Os convidados do evento já estavam chegando e vinham me cumprimentar sorridentes, não tinha mais como voltar atrás. Fui tomado pelo pavor.

“Meu Deus! Serei preso por falsidade ideológica. Como vou sair dessa enrascada?”

Bem-vindos ao País do Faz de Conta.

Lamento desapontar aqueles que se alimentam de teorias da conspiração, porque aqui continuarão famintos. Todo o material contido neste livro é sustentado por fatos. Fatos esses que podem ser confirmados por documentos, testemunhas, imagens e trocas de mensagens. E também constam no banco de dados do serviço de inteligência do Partido Comunista Chinês, o PCCh.

Portanto, basta solicitar as informações ao partido que ele irá, ironicamente, negá-las ou desmenti-las, como lhe é peculiar. Negar fatos faz parte da rotina de uma ditadura. A mentira e a dissimulação compõem o DNA do regime socialista chinês, assim como estavam impregnadas na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

No caso soviético, cabe salientar, justamente uma mentira tornou-se crucial para ajudar a implodir o regime que controlou o bloco comunista por 74 anos: a encenação sobre o que realmente havia ocorrido no acidente nuclear de Chernobyl. Se, sozinha, a explosão da usina não derrubou o governo, a falácia ao seu

redor, sim, acelerou a desintegração da União Soviética, como admitiu o ex-presidente da URSS Mikhail Gorbatchev anos depois da catástrofe.

Gorbatchev era o líder máximo da União Soviética no momento da tragédia de Chernobyl, quando subalternos interessados apenas em ascender na hierarquia do Partido Comunista tentaram esconder os verdadeiros motivos da explosão. Agora, basta trocar o nome do país para China e o nome do líder para Xi Jinping, e pronto. Porque, de resto, o objetivo dos burocratas socialistas é o mesmo: a ascensão sem medir consequências.

Mas o que seria o equivalente a Chernobyl para abalar o aparentemente inabalável regime chinês? O vírus originado na província chinesa de Wuhan em dezembro de 2019, que levou à pandemia da gripe conhecida como Covid-19, tem potencial para se tornar a Chernobyl do século XXI. Tudo dependerá da reação internacional, sobretudo do Ocidente, às informações distorcidas propagadas pelo PCC. E, sobretudo, a eternização de Xi Jinping como ditador chinês irá gerar sérios distúrbios no país pelos próximos anos.

Nesse contexto, a proposta deste livro consiste em mostrar fatos que são conhecidos por alguns, escondidos por muitos e negados pelos membros do Partido Comunista. Essa realidade já deixou de ser segredo para aqueles que, como eu, alcançaram a intimidade com a sociedade chinesa, mas ela precisa aparecer para um número maior de pessoas, quiçá milhões de cidadãos e autoridades de todos os continentes.

Nesta obra faço análises sobre o regime socialista implantado na China em 1949, que segue causando graves problemas globais neste século.

Onde comecei

Desde 2006, tenho tido a oportunidade de me aprofundar nos conhecimentos sobre a China, a Ásia, a geopolítica do Pacífico, o pensamento contemporâneo chinês e a atuação do último grande Partido Comunista remanescente do século XX em todo o mundo. As experiências contemplam desde os estudos de mandarim até uma mudança para a China, em 2015, onde atuei como professor universitário e jornalista da mídia estatal chinesa, momento em que consegui me entranhar por diferentes esferas do aparato comunista.

Quando não estava trabalhando, eu colhia informações de profissionais da mídia, diplomatas, estudantes universitários, professores e agentes de inteligência

estrangeiros, entre outros residentes de várias regiões da China, tanto nativos quanto expatriados. No total, eu me comuniquei com mais de quatrocentas pessoas, e ainda hoje mantenho uma rede de contato com cerca de 180 moradores e ex-moradores do país, uma parte deles jornalistas.

Em meio a histórias e considerações pessoais, o livro permeia o universo de um país com cinco mil anos de história, um território maior que o brasileiro, 56 etnias reconhecidas, dezenas de idiomas e uma massa populacional de 1,4 bilhão de pessoas, dos quais cerca de 90 milhões são membros do Partido Comunista.

As histórias deste livro apresentam uma miríade de personagens de diferentes nacionalidades com quem convivi por anos, alguns deles tiveram o nome trocado para manter sua segurança, já que muitos ainda vivem na China, ou porque seus familiares residem em território chinês e poderiam sofrer represálias do governo. São histórias curiosas, divertidas, emocionantes e tensas — como o episódio em que, desavisado, recomendei aos alunos da Universidade de Hebei, em Xiao An She, a leitura do livro *1984*, de George Orwell, banido havia décadas na China. A recomendação de um livro proibido pelo regime poderia ter me custado uma deportação.

Os capítulos compreendem temas que vão de religião, esportes e política, permeando gastronomia, tecnologia e estilo de vida, entre outros assuntos. Com o virar das páginas, o leitor perceberá que, quando comecei a me interessar pela China, considerava saber o suficiente sobre o país. Mas a verdade é que eu não sabia nada.

Agora, é chegada a hora de compartilhar com vocês a minha versão da história, a história de Chinobyl.

PARTE I

Rito de iniciação

1. A armadilha do 5G

Março de 2020.

Na região central de Brasília, o membro do Partido Comunista Chinês olhou para a longa mesa de madeira da sala de reunião da Huawei, sem fitar nenhum de nós em particular, e deu um recado bem claro:

— Precisamos de ideias para retaliar o Brasil.

Com uma feição de perplexidade bastante incomum, Atílio falou-me com os olhos o que verbalizaria momentos depois na copa, quando parei para tomar uma xícara de café, na conversa mais séria que tivemos em meses:

— Mas quem pode retaliar um país é somente outro país, nunca uma empresa.

— Exato, Atílio, agora você me entende?

Aquela reunião matinal de diretoria condensou 14 anos de informações que colhi sobre a China. Não há espaço para dúvidas: a Huawei, bem como milhares de outras empresas que se definem como privadas, constituem na realidade células do Partido Comunista Chinês, o PCCh. Da mesma forma, ficou evidente que a espionagem, o roubo de tecnologia e a cópia de projetos são vitais para a sobrevivência do partido no comando do país mais populoso da Terra.

A agressividade de companhias chinesas ao retaliar países que criam barreiras aos planos expansionistas do governo chinês revela que essas empresas operam em território estrangeiro sob as diretrizes do regime comunista. E nada mais grave para eles, neste momento, que tentar impedir a infraestrutura 5G, sob controle do regime comunista, que tem potencial de garantir a espionagem por longos anos.

Evidentemente, a Huawei não é a única empresa a serviço do governo chinês. Toda grande corporação do país possui oficiais públicos entre seus funcionários, boa parte deles ocupando cargos executivos. A situação se repete em centenas de companhias chinesas, incluindo nomes conhecidos no Ocidente, como Lenovo, Tik-Tok, Zoom, ВУД, PetroChina, ЗТЕ, Xiaomi, Midea e DJI, assim como Alibaba,

Baidu, Tencent, Wanda Group, Haier, Banco ICBC, entre outras empresas com presença maciça mundo afora.

O ciclo de anos de informações que obtive sobre a China coincidentemente começou e se encerrou envolto na mesma empresa, a Huawei, uma companhia estratégica para abastecer de informações o regime que mais trucidou a própria população. Estima-se que, sob o comando do PCC, pelo menos 60 milhões de chineses tenham morrido por decisões irresponsáveis e trágicas do partido, seja pela fome, pela privação de liberdade ou simplesmente executados.

Naquele mês de março de 2020, no momento em que um vírus originado em território chinês se alastrava rapidamente pelo mundo, causando mortes e danos econômicos incalculáveis, a prioridade da subsidiária brasileira da Huawei se limitava a impor retaliações ao Brasil caso o governo ousasse dificultar a instalação da sua rede 5G no país.

Desumano?

Ora, pergunto: o que as pessoas sabem sobre desumanidade na China?

O que sabem sobre o Partido Comunista Chinês?

O que você sabe?

Curriculum Vitae

Em 2006, o conhecimento que eu detinha sobre a China era o mesmo da maioria da população. Talvez um pouco acima da média, dada a minha curiosidade precoce por mapas, globos terrestres, atlas e geografia em geral. Quando criança, a cada oportunidade que se apresentava, eu me debruçava sobre esse material em um mundo ainda sem internet.

Eu cresci, surgiu a internet, mas tudo o que eu sabia até 2006 era que a China era o quarto maior país do mundo na visão dos norte-americanos, e o terceiro na visão dos próprios chineses. Sabia obviamente que se tratava do país mais populoso da Terra, que os chineses falavam mandarim, lutavam kung fu, que a capital era Pequim e o principal centro econômico ficava em Xangai. Sabia que tomavam bastante chá, comiam arroz e de vez em quando também comiam cachorro. Sabia, ainda, que em 2006 a China tinha o quarto maior Produto Interno Bruto (PIB) do mundo, um pouco atrás da Alemanha e longe de alcançar o Japão, mas com taxas de crescimento anuais de 10%, muito superiores às dos países desenvolvidos.

Enfim, eu sabia, agora admito, mais que a média das pessoas sobre essa nação. Mesmo assim, aquele punhado de informações se resumia a pura ignorância.

Naquele ano de 2006, recebi a ligação de um amigo com quem não falava havia meses, pedindo ajuda para preparar o currículo de uma sobrinha recém-formada, chamada Angélica. A moça tinha experiência em vendas e havia concluído o curso de engenharia. Ela havia passado quase um ano estagiando em uma empresa de telefonia, e havia surgido a oportunidade de aplicar seus conhecimentos em uma multinacional de tecnologia que exigia o currículo em inglês, e a jovem não se sentia segura com o idioma.

— É uma empresa americana ou inglesa? — perguntei.

— É chinesa.

Chinesa?

Curioso, pensei. Por que raios pedem um currículo em inglês? Certo, deixa para lá. Elaborei o currículo com todo o cuidado, o que a ajudou a ser chamada para uma entrevista, agora em português.

— Qual o nome da empresa?

— Huawei — respondeu o amigo, em uma das inúmeras pronúncias que os brasileiros adotaram para a empresa.

Ráuêi, Rauáei, Ruáuai, seja lá como for, não importa, eu nunca tinha ouvido aquele nome antes, mas fui pesquisar. Fiquei surpreso com os números da companhia. E, dias depois, o mais importante: a sobrinha do meu amigo foi contratada.

A minha ajuda foi recompensada com a reaproximação do velho amigo. A nova funcionária da Huawei acabou virando minha amiga por tabela, uma amizade que manteríamos por anos a partir daquele episódio.

Naquele ano, notícias envolvendo a China eram pouco divulgadas no Brasil. Em novembro de 2006, por exemplo, a médica sino-canadense Margaret Chan assumiu o comando da Organização Mundial da Saúde (oms), abrindo o caminho para a China acessar informações estratégicas sobre os sistemas de saúde do mundo todo.

Ela dirigiu o braço sanitário da Organização das Nações Unidas (onu) por quase onze anos, deixando o cargo um ano e meio antes da eclosão da mais aterrorizante pandemia mundial dos últimos cem anos, originada na cidade chinesa de Wuhan: a Covid-19. Mas, repito, esse tipo de informação em 2006 era desconhecido no Brasil.

O ano de 2007 passou quase em branco nas minhas memórias sobre a China. Só não passou totalmente despercebido porque dois amigos brasileiros da área de tecnologia, que também trabalhavam na Huawei havia um ano, pediram demissão da empresa ao mesmo tempo. Eu me encontrei com os dois, Heraldo T. e Oswaldo J., em um jantar na cobertura de Oswaldo, localizada no bairro Sudoeste, em Brasília.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei. — Nunca vi vocês desistirem de um trabalho assim.

Heraldo começou a me explicar que já estava articulando sua mudança de emprego para uma empresa coreana, mas depois admitiu ter sido praticamente forçado a deixar a Huawei.

— Eles fazem contratos oferecendo produtos e serviços que não possuem. E querem que nós, brasileiros, assinemos os contratos — revelou.

— É assim mesmo? — perguntei para Oswaldo.

— É. A empresa é uma farsa. Depois que o contrato é assinado, envolvendo milhões de reais, é quase impossível voltar atrás, então eles entregam um equipamento de qualidade inferior e o cliente arca com os problemas mais tarde — disse-me.

Um dos contratos milionários naquele período estava sendo negociado com o Banco do Brasil, o maior banco estatal da América do Sul.

— E por que vocês não denunciam? Poderia ser uma denúncia anônima — sugeri.

— Não adianta — afirmou Oswaldo, explicando que o governo Lula jamais iria se indispor com uma empresa chinesa.

Em 2007, não imaginávamos que a Huawei era, na verdade, uma empresa a serviço do governo de Hu Jintao, então presidente da China, que esteve no cargo de 2003 a 2013.

Em 2008, tudo começou a mudar na minha relação com o outro lado da Terra. No ano das Olimpíadas de Pequim, o Instituto Confúcio desembarcou no Brasil. Mesmo antes da inauguração oficial da primeira unidade do instituto no Brasil, na Universidade Estadual Paulista (Unesp), cursos de mandarim foram inaugurados no segundo semestre de 2008 tanto na Unesp quanto na Universidade de Brasília (UnB) — as instituições onde eu, respectivamente, me formei e trabalhava.

Naquele tempo, eu atuava como assessor de imprensa da UnB. O salário, não muito alto, era compensado com a possibilidade de fazer cursos gratuitos na universidade, entre eles os de idiomas. Assim me chegou a oportunidade, de repente.

— Rafael, você viu que a universidade passou a oferecer um curso de mandarim? Por que você não faz? — perguntou-me Ronald, um colega fotógrafo.

— Ué, mandarim? Por que eu iria me interessar em falar chinês? Vou pensar — respondi.

Alguns dias depois, comecei a refletir um pouco mais: "... a economia chinesa está crescendo, muitas empresas estão vindo para o Brasil. Além disso, gosto de idiomas e vou manter a cabeça funcionando para evitar alguma enfermidade no futuro". Eu já tinha lido que o aprendizado de idiomas e de música, entre outras atividades, ajudava a prevenir doenças degenerativas. Bem, não custava tentar.

Na primeira aula do semestre, éramos 25 alunos. Na última, uns doze, no máximo.

Metade da turma desistiu porque o idioma é um tanto áspero para quem está habituado somente às línguas ocidentais. Primeiro, porque não existe alfabeto. O sistema de caracteres te obriga a memorizar de início dezenas de desenhos que parecem não fazer sentido.

Ou você estuda, ou desiste. Naquele semestre, confesso orgulhoso que estudei para valer, a ponto de ficar entre os melhores da turma. Passei a entender, semanas depois de encerrados os Jogos Olímpicos, o que os chineses tanto gritavam nas competições: *Zhōngguó* (中国). Ou seja, China. A pronúncia em português seria algo como "*Tchun güó*". E os chineses gritavam a plenos pulmões nas arenas: *Zhōngguó, Zhōngguó, Zhōngguó!* (中国, 中国, 中国!).

As Olimpíadas encheram os chineses de orgulho, desde a cerimônia de abertura, considerada uma das mais belas deste início de século, até o quadro de medalhas, quando a China terminou pela primeira vez na história à frente de todos os rivais. E, principalmente, conquistaram mais medalhas de ouro que os Estados Unidos: 48 a 36. Na soma, incluindo as medalhas de prata e bronze, os Estados Unidos ficaram à frente da China, com 112 contra 100. Mas não importa, a consagração da China, aos olhos do Partido Comunista, estava completa.

Os boatos sobre as fraudes na cerimônia de abertura não abalaram os membros do partido, habituados a lidar com encenações. A pequena Lin Miaohe, que, aos oito anos, encantou o mundo cantando na cerimônia, estava na verdade dublando a voz de Yang Peiyi.

O politburo (comitê central do partido) relativizou o episódio. Para os comunistas, era mais importante mostrar ao mundo uma chinesinha bonita e sorridente, em vez da gordinha com um dente faltando, algo bastante normal para quem tem apenas sete anos de idade. A verdadeira dona da voz foi escondida, e a

bonitinha alcançou seu momento de glória. A imprensa internacional percebeu a fraude, veiculou matérias, tentou emplacar um pequeno escândalo, mas ficou por isso mesmo. Uma pequena bobagem dessas não poderia estragar a festa, segundo os chineses.

Afinal, na visão dos comunistas chineses, a verdade pode sempre ser sacrificada em prol de um objetivo maior.

Em 2008, ano das Olimpíadas de Pequim, o candidato democrata Barack Obama foi eleito presidente dos Estados Unidos, em uma chapa formada com Joe Biden, antes senador, depois vice-presidente do país, e atual presidente.

Na China, Xi Jinping foi designado como o provável sucessor de Hu Jintao para o cargo de presidente, ou líder supremo, como muitos definem essa função na Coreia do Norte e na China. Hu Jintao começava o primeiro ano do seu segundo e último mandato de cinco anos.

Com o intuito de preparar terreno para seu substituto, o Partido Comunista nomeou Xi Jinping vice-presidente da República Popular da China e vice-presidente da Comissão Militar Central. Até aquele momento, eu não sabia da existência de Xi, e o mundo também não dava atenção àquele que se tornaria a maior ameaça à paz mundial neste começo de século.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA

Há um grande número de pessoas vivendo
com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2021**